

GILFRANCISCO

O BEATO PEDRO BATISTA

Uma Comunidade no Sertão



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Uma crônica da viagem empreendida há mais de dez anos, pelas veredas dos sertões da Bahia e de Sergipe, pelo jornalista e pesquisador Gilfrancisco serviu de pretexto para que Cid Seixas organizasse o material e o transformasse neste pequeno livro eletrônico.

Na sua agradável e curiosa narrativa o pesquisador baiano, há muitos anos renascido cidadão sergipano, dá conta do misticismo em torno da curiosa figura do Beato João Pedro Batista, personagem que tem como marca, talvez única entre os messias do sertão, o fato de ser um empreendedor capaz de transformar a vida de uma comunidade.

Juntando a audácia de um capitalista à vontade socialista de assegurar condições mais ou menos iguais a todos os habitantes do lugar, ele realizou uma utopia inacreditável.

O BEATO PEDRO BATISTA

Copyright © 2021 by Gilfrancisco
gilfrancisco.santos@gmail.com
Tipologia Original Garamond, corpo 12
Formato 12 x 18 cm
56 páginas



Endereços deste e-book:
linguagens.ufba.br/2021/beato-pedro
issuu.com/ebook.br/docs/beato-pedro

Gilfrancisco

O BEATO PEDRO BATISTA

Uma Comunidade no Sertão

Organização, introdução e notas
de Cid Seixas

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Conselho Editorial:
Cid Seixas (UFBA/UEFS)
Gildeci de Oliveira Leite (UNEB)
Itana Nogueira Nunes (UNEB)
Moanna Brito (UFBA)
Valéria Aparecida Bari (UFS)

ISBN 978-85-00-22185-5

As publicações E-Book.Br são concebidas
para tiragens eletrônicas e impressas,
com o selo Rio do Engenho,
Rua Doutor Alberto Pondé, 147/103
40 296-250 | Salvador, Bahia, Brasil

SUMÁRIO

0	Crônica do Beato Pedro Batista	9
1	Início da Viagem	13
2	Aparição do Beato	17
3	Santa Brígida	23
4	Terra de Bandoleiros	29
5	Pedro Grande	35
6	Exercício Político	41
7	Madrinha Dodô	45
8	Memorial	49
9	A Paz	51
10	Referências	53



Retrato do pesquisador quando jovem, ou Gilfrancisco, em caricatura de Setúbal.



CRÔNICA DO BEATO JOÃO PEDRO BATISTA

(Introdução)

Uma crônica da viagem empreendida há mais de dez anos, pelas veredas dos sertões da Bahia e de Sergipe, pelo jornalista e pesquisador Gilfrancisco serviu de motivação para que eu pudesse organizar o material e transformá-lo neste pequeno livro eletrônico. Isso depois do interesse despertado pelas anotações inéditas e dispersas sobre os acontecimentos da bem sucedida viagem, que mais parecia um astucioso de cabra nordestino, ou um invento ficcional, do que um simples conjunto de anotações destinado aos já louvados arquivos do autor.

Na sua agradável e curiosa narrativa, o pesquisador baiano, há muitos anos renascido

cidadão sergipano, dá conta do misticismo em torno da curiosa figura do beato João Pedro Batista, personagem que tem uma marca, talvez única entre os líderes messiânicos perdidos pelos caminhos e descaminhos secos do sertão. Mas que fato insólito será este, responsável pelo estranhamento?

Enquanto quase todas as figuras místicas – que atraem a curiosidade geral e permitem a identificação da gente humilde e desesperada com seus sonhos impossíveis de realizar – são marcadas também pelo desespero, este beato quase impossível de existir parece ter saído de uma obra de ficção fantástica. Ou de uma invenção fantasiosa de romancistas utópicos

Cangaceiros, fanáticos e santos sertanejos têm um ponto em comum com seus seguidores: a história de vida marcada por tragédias e decepções que, quase sempre, deságuam num mar de desequilíbrios e desajustes dos arcabouços mentais dos muitos messias do mato.

Mas esse beato de pés no chão – não por andar descalço, – mas por pisar nas pedras mais firmes e bem assentadas do caminho conscientemente construído, tem a particularidade

de ser um empreendedor que foi capaz de transformar e organizar a vida de toda uma comunidade.

Juntando a audácia de um capitalista bem focado à determinação socialista de assegurar condições mais ou menos equânimes a todos os habitantes do lugar, ele realizou uma utopia política e social inacreditável. No meio de um dos muitos caminhos desérticos e esturricados pelo sol inclemente das caatingas, planejou e executou uma espécie pioneira de cooperativa rural, em que ele era, ao mesmo tempo, cooperado, beneficiário e também provedor, planejador e financiador dos sonhos que a pessoas mais simples dos sertões nordestinos nem ousavam sonhar.

O beato Batista, cujo nome de pia (ou de redundante batismo) reúne os antropônimos sagrados de duas figuras centrais da história do cristianismo – Pedro, o pescador chamado por Jesus para erguer em pedras duradouras o futuro da sua doutrina, e de João Batista, aquele que chegou primeiro para anunciar o esperado Messias, – esse beato exato dos nossos sertões construiu para si um projeto

inteiramente diverso do lugar comum. Visionário, empreendedor, empresário, chefe político, autoridade religiosa e policial, o forasteiro João Pedro Batista reuniu em si condições de transformar um lugar esmo, em meio ao nada, em pequeno aglomerado de casas simples; depois, numa vila de muitas vidas esperançosas: e, por fim, numa cidade de sonhos e realizações.

É essa magia, sustentada em um intuitivo socialismo utópico, já perdido nos tempos românticos que não voltam mais, que ressurge, viva e fascinante, na crônica de lendas verdadeiras, astuciadas pelo mais engenhoso sergipano – casualmente – nascido na Bahia.

Cid Seixas

INÍCIO DA VIAGEM

Convidado pelo Ouvidor Geral do Estado, jornalista Luiz Eduardo Costa, para passar a Semana Santa de 2010 em sua Reserva Ecológica “Santo Antônio”, em Canindé do São Francisco, a 213 km de Aracaju, não resisti ao honroso convite por vários motivos: primeiro por ter recusado anteriormente a acolhedora companhia do amigo por motivo de saúde; segundo por querer rever aquela comunidade após seis anos numa rápida estada; terceiro tinha esperança em conhecer o município baiano de Santa Brígida, onde por muito tempo foi dito ter nascida no povoado de Malhada da Caiçara, Maria Bonita, companheira do bandoleiro Virgulino Lampião, terra onde viveu o beato Pedro Batista. Hoje sabemos que o povoado Malhada da Caiçara, zona

rural, pertence ao município de Paulo Afonso, há 38 km do centro.

No domingo, 24 de abril de 2010, pela manhã, após o café que mais parecia um almoço, mesa farta, leite tirado às 4 horas da manhã pelo vaqueiro Zé, coalhada, vários tipos de bolos, cuscuz, doces caseiros, preparado pelo trio esperança; Maria Isaildes, Rosália dos Santos e Dione França, secretárias responsáveis pela organização e manutenção da fazenda, seguimos com destino a Santa Brígida, localizada na Mesorregião nordeste baiano, eu, Luiz Eduardo, a neta Silvinha e Alison, seu companheiro, e fotógrafo da família.



Antes da viagem, estivemos na sede do município de Canindé do São Francisco, para uma entrevista na Rádio FM Xingó – 98.7, com René Alves, apresentador do programa líder de audiência, em Alagoas e Pernambuco, “Hora da Notícia”. Percorremos da sede ao município baiano, cerca de trinta km de estrada de piçarra. Cruzamos durante o percurso com apenas quatro veículos, três carros de passeio e um pequeno caminhão, que retornava de alguma feira num povoado próximo, além de duas motos de baixa cilindradas. Durante todo o caminho não vimos uma só casa de nativos, somente fazendas, algumas com gado outros desertas, mas todas bem cercadas. Como eu estava curioso, perguntei a Luiz Eduardo, quem eram os proprietários daquelas terras e ele foi nomeando: Fazenda do General, hoje pertencente ao MST, Fazenda Brejo, famosa por possuir uma fonte mineral, Fazenda do Procurador Moacir, e as fazendas de Maria Marinha, Dr. Roberto e Gabriel. A paisagem é desértica, é um deserto requestado de agressividades sem par, naquelas terras onde tudo é árido e adusto.

Este vislumbre me fez lembrar a descrição fantástica de Ranulfo Prata, sobre o Raso da Catarina, em seu livro *Lampião*:

“A sua flora é toda uma espessa trama de dilacerantes espinhos e folhagem urticante. Tecem-lhe impenetrável barreira, como a resguardá-la do invasor, o ouriçado xique-xique, as palmatórias aciculares, a macambira, lanceolada e ríspida, o lacerante mandacaru, o mordente rabo de raposa, o hispido calumbi e o famoso cunanan, cipó enleante, cujo entrançado a foice e o facão costumam a desfazer”.

APARIÇÃO DO BEATO

Tomei conhecimento da existência do beato Pedro Batista, através da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, ganhou, logo após o seu lançamento, repercussão internacional, tendo sido traduzido para o francês. Anos depois assisti *O Povo do Velho Pedro*, dirigido por Sérgio Muniz, documentário (com duração de 1 hora e 10 minutos) que aborda aspectos da religiosidade do sertão nordestino, especificamente dos municípios de Juazeiro do Norte – CE e de Santa Brígida – BA. Fiquei surpreso e intrigado sem entender o porquê de Rui Facó, autor de um dos melhores trabalhos sobre

Cangaceiros e Fanáticos, não ter feito nenhuma referência ao beato Pedro Batista. Recentemente o jornalista e escritor baiano Elieser César, publicou um longo artigo no Correio da Bahia, na edição de 18 de novembro de 2001.

Pelo ano de 1940, peregrinava pelo interior de Alagoas, Sergipe e Pernambuco um penitente de barba e cabelos grisalhos pregando e curando: chamava-se Pedro Batista da Silva. Por onde andou, sua fama foi se espalhando e seguidores pedindo-lhe indicação de remédios, ou então que rezasse sobre os doentes. Afirmava-se na época que era natural de Alagoas e por problemas políticos a família mudou-se para Pernambuco, onde se criou e aos dezessete anos, sentou praça servindo não só em Pernambuco, mas também em outros pontos do país com Foz do Iguaçu, participando da repressão contra os jagunços da Guerra do Contestado (1914-1918). O ex-prefeito Antônio França, durante suas pesquisas no Arquivo do Exército, no Rio de Janeiro, confirmou que o Velho Pedro Batista serviu mesmo como soldado no 3º Regimento

de Infantaria, sob o comando de Aleluia Pires. E chegou a conclusão que Pedro Batista não tinha o biótipo do nordestino e sim de europeu, e diz ter ele nascido em Guaraqueçaba, litoral do Paraná.

O poeta popular sergipano, João Firmino Cabral (1940-2013), em recente entrevista ao autor deste texto agora transformado em e-book, relata seu primeiro e único encontro com o beato Pedro Batista:

“Conhecido por beato Pedro Batista ou meu padrinho Pedro Batista, como chamavam os sertanejos que andavam com um rosário no pescoço, dado por ele. Pedro foi um evangelizador do sertão baiano, apesar de ser tido como fanático, assim como Antônio Conselheiro, mas ele foi um homem que pregou a palavra de Deus naquela região. Ele aconselhava muito o povo a não praticar maldade, a não roubar, não matar. Fazia muitos benefícios sociais. Nesta época eu morava em Paulo Afonso, tinha uns treze anos e as segundas-feiras, dia de feira em Santa

Brígida eu ia vender picolé. Saía de Paulo Afonso num caminhão misto (mercadoria e gente). Em certo dia tive a oportunidade de conhecê-lo e ele estava sentado numa cadeira de tiras de couro, protegido por seus seguidores religiosos. Dei a benção como todos faziam e ele respondeu: seja feliz, você vai ser um menino do futuro. Eu fiquei todo eufórico, como diz o pernambucano, todo ancho.”

E, em seguida, o trovador Firmino Cabral compara os bons tempos do beato com a desolação ocorrida após a sua partida, para a morada eterna, em 11 de novembro de 1967:

“Desse dia para cá não vi mais Pedro Batista, mas sempre ouvi as suas histórias, inclusive nos anos sessenta, após sua morte, retornou vários pistoleiros a Santa Brígida e o povo dizia: se meu padrinho Pedro Batista fosse vivo esses pistoleiros não se criavam em Santa Brígida, porque ele era inimigo dos pistoleiros. Mas Pedro Batista foi sem sombra de dúvida e sem fanatismo,

um evangelizador do povo do sertão, abandonado pelos políticos. Na época já se dizia que ele não era baiano, vivia em Santa Brígida desde os anos quarenta e o povo o considerava um santo, como considerou Padre Cícero, Antônio Conselheiro. Amigo e conselheiro do povo, qualquer problema que o povo necessitasse ia a ele para apreciação. Quando ocorria secas prolongadas, o povo se deslocava até Santa Brígida em busca de socorro, sempre recorrendo aos benefícios do beato que o ajudavam como podia. Assim viveu Pedro Batista até quando foi chamado à eternidade.”



**Gilfrancisco em frente à estátua de Pedro Batista,
na praça de Santa Brígida.**

SANTA BRÍGIDA

Rota de passagem do bando de Lampião, o município de Santa Brígida, com 595 km², distante de Salvador 430 quilômetros, sobre sua origem, conta-se que uma senhora brasileira de nome Brígida casada com Antônio Manoel de Souza, um grande proprietário de terras da região do Itapicuru, faleceu durante uma viagem a Portugal. Desolado, o esposo resolveu doar a propriedade e, em 16 de julho de 1917, no ato da escritura colocou o nome de Santa Brígida.

Em 1940, Santa Brígida já era um pequeno povoado do município de Jeremoabo, com algumas casas de taipa, cobertas de palha. De-

pois, outro fato chamou atenção para o povoado, quando ocorreu a chegada em 14 de junho de 1945, do beato peregrino Pedro Batista. Ele tinha como objetivo formar uma romaria e desenvolver a agricultura como meio de subsistência para as famílias que ali residiam.

Ao chegar a Santa Brígida, com todas as características do “beato” tradicional (barba e cabelos longos, bordão de peregrino), a sua presença foi denunciada às autoridades municipais e regionais, temendo ser um novo Antônio Conselheiro. Com a fixação em solo baiano, Pedro Batista da Silva, provocou o crescimento do povoado, atraindo inúmeras famílias, inclusive de outros Estados. A migração para Santa Brígida ocorreu também em função das oportunidades de negócios decorrentes da aglomeração de pessoas em torno de Pedro Batista, que proporcionou o desenvolvimento agropecuário na região. O município foi criado com o território do distrito de Santa Brígida, desmembrado de Jeremoabo, por força da Lei Estadual de 27 de julho de 1962. A sede, criada distrito em 1953, foi ele-

vada à categoria de cidade quando da Lei que criava o município.

O andarilho revelou dotes de economista e administrador, encarregando-se de prover o sustento de sua gente, fomentando o trabalho coletivo, os mutirões, conhecidos por “batalhões”. Estimulou o plantio de algodão, palma e melancia. Esses batalhões também serviram como mãos de obra para a roçagem das terras do coronel João Sá e dos principais fazendeiros da região. Como Santa Brígida se encontrava no meio do caminho entre Jeremoabo e Paulo Afonso, para facilitar a venda dos produtos agrícolas excedentes nas feiras desses locais, Pedro Batista comprou dois caminhões. Estimulou a criação de gado e comprou um gerador de energia elétrica, instalou um hotel para abrigar romeiros e visitantes, além de criar duas escolas primárias na sede do município.

Algumas das regras básicas para a convivência na comunidade podem ser aqui sintetizadas: não era permitido que se fumasse nem bebesse; nem tampouco que se perdesse tempo com farras e outros costumes considera-

dos mundanos. E, para assegurar a paz entre os moradores, eles não deveriam andar armados.

O chefe Pedro Batista não admitia que se desobedecesse às suas orientações, mas permitia entre os penitentes a Dança de São Gonçalo, considerado santo casamenteiro das velhas. Sua festa, um costume vindo do Velho Continente, se realizava em Amarante (Portugal) a 10 de janeiro. O Padrinho fornecia dinheiro para que pudessem ser comprados os aviamentos do grupo de dançadeiras de São Gonçalo, para as apresentações durante as novenas. Aqui se destacam principalmente as promessas de chuva, as promessas de proteção às doenças:

“Nas horas de Deus, amém
Padre, Filho, Espírito Santo,
É a primeira cantiga
Que a São Gonçalo eu canto.”

Na época, Pedro Batista foi considerado o maior agricultor de Santa Brígida, possuidor das fazendas da Oliveira, da Gameleira e

do Batoque, além de vários lotes menores comprados. Segundo artigo publicado em Salvador, no jornal *O Estado da Bahia*, de 12 de julho de 1954:

“antes da chegada de Pedro Batista contava aquele arraial cerca de oitenta casas; hoje graças ao velho Pedro Batista e aos seus romeiros, santa Brígida conta com mais de trezentas casas. A área cultivada em toda a zona de Santa Brígida, que não excedia a duas mil tarefas, hoje conta nunca menos de doze mil. Para se ter uma idéia do Progresso agrícola de Santa Brígida, depois da chegada do velho Pedro Batista, basta que se diga que a produção de farinha de mandioca, feijão e milho é superior ao consumo de todo o município de Jeremoabo”.

No livro *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, da socióloga Maria Isaura, a autora lembra a entrevista feita, em 1966, com o velho proprietário das terras adquiridas pelo be-

ato Pedro Barista, Jacó Marques da Silva, quando este último contava oitenta e um anos:

“era ele o dono de Santa Brígida, que foi dada como sesmaria a um seu ascendente. Foi ele quem organizou a feira em 1912, e a manteve até pouco tempo; mesmo perdendo dinheiro, levava mantimento para vender na feira, porque queria que seu lugar tivesse importância”.

Contando com menos de vinte mil habitantes, Santa Brígida hoje é um dos municípios mais pobres do Estado da Bahia e sobrevive, basicamente, do repasse do Fundo de Participação dos Municípios.

TERRA DE BANDOLEIROS

Antiga terra de ninguém, por onde andaram ladrões, assassinos, pistoleiros e cangaceiros e deixaram no povoado a marca da brutalidade. Maria Isaura, assim descreve:

“Lugar mal-afamado, briguentos e vingativos eram seus habitantes; qualquer pequena discussão dava lugar a assassinatos. E como todos eram mais ou menos parentes tios matavam sobrinhos, irmãos e primos matavam-se entre si”.

Nos anos cinquenta, a cidade vivia entre os rosários da fé e do crime, época em que atuou em Santa Brígida, um dos maiores facínoras da região, o bandido Pedro Grande

(1951 a 1957), que juntamente com seus filhos espalharam o terror nos sertões baianos, cometendo 52 crimes, sendo 32 homicídios, 12 latrocínios e oito assaltos. Dizem que Pedro Grande era um homem comum, ordeiro e trabalhador, até sofrer uma emboscada de pistoleiros, num dia de feira. Recuperado, se armou para se vingar. O poeta popular João Firmino Cabral, juntamente ao pernambucano Sebastião Leão, conhecido por Tantão, registraram as atrocidades de Pedro no folheto publicado em 1966, *Prisão de Pedro Grande, de seus filhos e Heron*:

“Ajudai-me Santa Musa
 Com teu suave som
 Que vou escrever um livro
 Com meu inspirado dom
 A prisão de Pedro Grande
 Seus filhos e Heron.”

E continua:

“Pedro Grande com seus filhos
 Um por nome de Eurides,

Corriam assustados juntos
Eugênio e Eronides
No encalço da tropa
Vinha o tenente Melquiades.”

Em conversa registrada pelo autor desta crônica de fatos e acontecidos, Firmino conta que quando morava no município de Paulo Afonso, recém-casado, um fato interessante se deu com ele, em junho de 1965:

“Peguei um carro (pau-de-arara) na boca da noite no povoado Mulungu, vizinho a Paulo Afonso, com destino a Jeremoabo, onde eu morava. Numa parada adiante, subiram três pessoas: o mais velho estava vestido de mescla azul e dois rapazes. Enquanto eles conversavam, eu cuidava da minha mala de folhetos. De repente o cidadão mais velho perguntou:

– O senhor é daqui?

– Não, sou de Jeremoabo, mas conheço a região muito bem.

– Você já ouviu falar de um pistoleiro de Santa Brígida, um tal de Pedro Gran-

de? Tem três filhos que são três ferras, mata o povo e enterra as pessoas vivas.

– Já ouvi falar.

– O senhor o que acha deles?

– Nunca me fizeram mal, não tenho nada com nenhum dos três.

– Também ele tem um amigo Heron, mora em Jeremoabo onde você mora, ele é um sanguinário.

– Também não conheço, ouvi falar desse homem, nunca me fez mal. Entro e saio de Jeremoabo, trabalho na feira, domingo vou para Malhada Nova, segunda para Carira vender meus folhetos. Se fez mal a alguém, a mim não fez nenhum. Como também esse Pedro Grande que o senhor está falando, nunca me fez mal, não tenho nada contra nenhum deles. Se fizeram algum mal devem ter suas razões, não posso denunciá-los porque não fizeram nenhum mal a mim ou meus familiares.”

E assim prossegue a narrativa do trovador João Firmino Cabral:

“Quando se aproximava a parada do km 40, local onde eles iriam descer, o mais velho bateu no meu ombro e disse:

– Gostei de ver, você está falando com Pedro Grande, esses são meus filhos, falta um que é recém-casado. Gostei da sua posição, é assim que homem faz. Você sabe o que poderia lhe acontecer se falasse mal deles? Eu ia mandar você descer do carro e matar aqui mesmo, mas você é um menino homem. O que disse foi uma beleza, porque eles nunca lhes ofenderam. Está convidado a descer conosco para jantar nesse hotel da gente.

Agradei e disse-lhe que minha esposa estava me esperando:

– Inclusive estou levando uma carne que comprei em Paulo Afonso. Mas um dia venho visitar os senhores.

Respondeu ele:

– Você será bem-vindo, chegando procure o hotel de Pedro Grande.

Pegou na minha mão e me abraçou e perguntou:

– Precisa de alguma coisa do seu amigo?

– Não só desejo que o senhor seja feliz, muito obrigado.

Como disse, anteriormente, eles desceram no km 40 e eu segui minha viagem.”

Em 27 de julho de 1962, a emancipação política tornou Santa Brígida um município independente, desmembrado de Jeremoabo, pela Lei no 1757, sancionada pelo governador Juracy Magalhães.

O fundador a cidade, o líder religioso e político-empresarial Pedro Batista, ou o *Conselheiro que deu certo*, faleceu em 15 de novembro de 1967, aos 80 anos. Desde 1963, ele já dava sinais de problemas de infecção urinária ligados às doenças da próstata.

PEDRO GRANDE

A história criminoso de Pedro Grande teve início no povoado do Minuino, pertencendo a Jeremoabo, onde ele morava localizado a 20 km de Santa Brígida. A acusação de destruir um cercado feito numa cacimba tinha conotação política, pois Pedro Grande estava sendo hostilizado por grupos que não contavam com o seu apoio nas eleições. Levado para a delegacia de Santa Brígida foi agredido e proibido de portar arma enquanto viesse à sede. Em agosto de 1951, durante um dia de feira em Santa Brígida, Pedro Grande cercado por vários homens foi baleado dezoito vezes.

Segundo depoimento de Lindoaldo Alves de Oliveira, prefeito de Santa Brígida de 1966 a 1972,

“eles foram atirando, atirando até que Pedro caiu. Eu sei que Pedro ficou com 18 ferimentos de tiro. 18 tiros no corpo, mas nenhum pegou em parte que tinha para matar. O braço quebrou, o braço esbagaçou. Acabaram achando que morria. Mandaram chamar aqui os parentes; os parentes foram aí não deu tempo para matar Pedro. Mandaram um carro aqui, o carro não coube ele, aí voltaram e trouxeram outro maior. Eu sei que quando ele recebeu os primeiros socorros, os tiros foram no domingo, ele veio receber na terça os primeiros socorros”.

Pedro Grande ficou internado em Paulo Afonso durante uma semana, quando foi informado que seus algozes iriam invadir o hospital para concluir o serviço. Temendo por sua vida foi ajudado por um parente e fugiu do hospital para um esconderijo. Após recupera-

ção, deu início à vingança contra os seus agressores, matando a todos os que não conseguiram fugir para Sergipe. É desta forma, que Pedro Grande passa de vingador a realizar crimes como pistoleiro e transforma-se num mito da região. O General Castelo Branco quando assumiu a presidência da república, ordenou a prisão de Pedro Grande e seus filhos de qualquer maneira, caso não acontecesse, seriam destituídos muitos oficiais do Exército Brasileiro, envolvidos na sua captura. Contando com a ajuda de vários jipes William, que entram facilmente na caatinga, local de esconderijo do bando de pistoleiros, foi possível prendê-lo juntamente com seus filhos, Eurides, Eronides e Eugênio, em fins de 1965. A prisão foi realizada pelo Exército Regional de Paulo Afonso, sob o comando do tenente Melquiades, após várias tentativas para prendê-los, os bandoleiros escapavam sempre pelos esconderijos da região.

Devido ao grande noticiário da imprensa estadual, sobre a prisão dos bandoleiros, é que Pedro Firmino teve a ideia de escrever um folheto sobre a grande história do momento na

região, assim surgiu o folheto, *A Prisão de Pedro Grande e seus filhos e Heron* que foi impresso em junho numa gráfica de Paulo Afonso, com uma tiragem de cinco mil exemplares, vendida toda edição em plena feira (sexta e sábado), pois todos queriam saber sobre Pedro Grande.

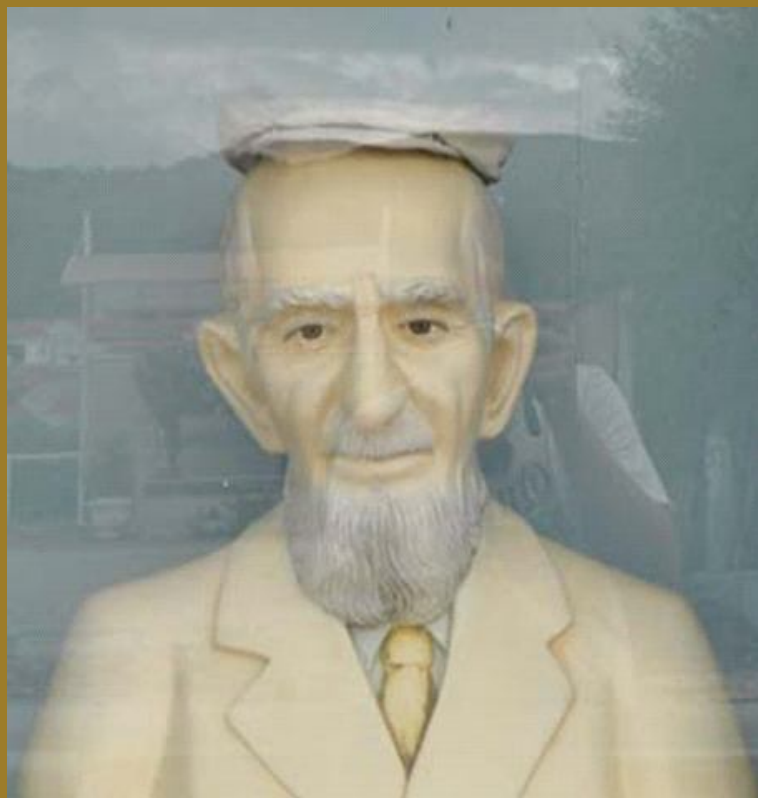
Na segunda feira seguinte, como de costume, Firmino foi vender o restante dos folhetos em Santa Brígida. Abriu a mala e espalhou os folhetos no chão:

“De repente apareceu um cabo de polícia me proibindo que continuasse a vender os folhetos, disse-lhe que eu vivia daquilo, era meu único sustento. Ele engrossou e quis me prende, justificando que Pedro Grande não era pistoleiro. O que fez foi uma vingança. Continua – Minha sorte foi que nesse dia estava presente o pessoal do Exército de Paulo Afonso, camuflado, no encalço de mais pistoleiros.”

Realmente o poeta teve muita sorte por encontrar um soldado que logo relatou o fato

ocorrido, e este foi até o cabo e perguntou o que ele tinha a favor de Pedro Grande e seus filhos para proibir a venda dos folhetos. Resolvida a questão o poeta popular retomou ao ponto e continuou vendendo seus cordéis, inclusive se recordar de ter vendido dois exemplares a própria esposa de Pedro Grande, que estava acompanhada do filho de uns dez anos.

Após cumprirem pena, Pedro Grande e seus filhos, um jornal de Salvador, estampou a seguinte manchete: “Possível volta de Pedro Grande aterroriza o sertão”. O bandoleiro Pedro Grande residia no Estado do Pará até ano passado (2010) quando faleceu, mas frequentemente visitava Canindé do São Francisco (SE), onde tinha vários parentes, inclusive um dos seus filhos, que lá reside até hoje.



O Beato e empreendedor João Pedro Batista.

EXERCÍCIO POLÍTICO

Deixemos agora os fatos ocorridos com Pedro Grande e voltemos ao nosso personagem principal, o outro Pedro, Beato e benfeitor do lugar.

As melhorias conseguidas por Pedro Batista eram para elevar o nível de seu povo; ele conseguiu a nomeação de uma professora estadual e de um professor municipal, além de doar ao Governo Federal uma de suas fazendas, a “Gameleira”, para ali ser instalado um núcleo de colonização que proporcionasse aos romeiros ensinamentos agrícolas. Pedro conseguiu ainda, um juizado de paz e um cartório de Registro civil.

Seu papel foi o de prefeito da localidade, de administrador local, bem como constituiu a autoridade policial e judicial. Nada no município se passava sem que Pedro Batista tenha sido primeiramente consultado e ouvido. O Beato-empendedor também funcionava como uma espécie de banco para seus romeiros e para todos os que recorriam a ele. Contam os mais velhos do município que os beneficiados pagavam de acordo com o ganho, sem juro algum.



Registro de uma das muitas peregrinações em louvor ao Beato João Pedro Batista.

Devido à repercussão de suas atividades benéficas entre os romeiros, o chefe Pedro Batista passou a ser tratado por seus seguidores como Padrinho, (muitos acreditavam ser ele a reencarnação de Padre Cícero), tratamento de natureza superior, atribuído por gratidão e respeito dos fiéis.

A socióloga Maria Isaura inclui o beato Pedro Batista nos chamados Movimentos Messiânicos Rústicos, por estar vinculado à vida rural do país. No Maranhão, por volta de 1940, o místico José Bruno de Moraes se instalou em Nazaré do Bruno e exerceu chefia econômica semelhante à de Pedro Batista.



Imagem da Madrinha Dodô, até hoje lembrada com respeito pelo povo do sertão.

MADRINHA DODÔ

Com a morte de Pedro Batista em 11 de novembro de 1967, vítima de câncer, Madrinha Dodô deu continuidade em seus ensinamentos e obras de caridade. Nascida em 08 de setembro de 1902, recebeu o nome de Maria das Dores, era natural do povoado Moreira, município de Água Branca, no Estado de Alagoas. Filha de família camponesa, desde cedo já demonstrava interesses pelas doutrinas religiosas. Aos doze anos, acompanhou o Padre Cícero em suas missões. Com a morte do beato cearense (1844-1934) em Juazeiro, a igreja católica passou a reprimir o fanatismo religioso no Nordeste. É nesta época que apa-

rece o peregrino Pedro arrastando multidões pelos sertões adentro. Entre os seguidores estava Maria das Dores, que passou a chamar-se de Madrinha Dodô, acompanhando o líder religioso, ora ensinando rosários, benditos, cantigas de louvor e penitência. Madrinha Dodô faleceu em 28 de agosto de 1998, aos noventa e seis anos, em Juazeiro do Norte - CE.

O jornal *Tribuna de Juazeiro* – Juazeiro do Norte (CE), de 23 de outubro de 1966, noticiou à ajuda de mantimentos enviados pelos romeiros de Santa Brígida, sob a liderança de Madrinha Dodô:

“Fato excepcional e digno de nossos elogios aconteceu a semana passada aqui. Um caminhão cheio de alimentos (sacos de arroz, feijão, açúcar, sal, leite e mais de 100 quilos de carne de gado) chegou ao abrigo dos Velhos mantidos pelo SAM. O carro veio da Bahia, mais precisamente de Santa Brígida; foi mandado pela generosa senhora Maria das Dores dos Santos, romeira de Padre Cícero. É que a referida

senhora, quando aqui esteve por ocasião da festa da Padroeira, visitando o abrigo do SAM, condeu-se dos seus hóspedes e prometeu mandar o mais breve possível um carregamento de alimentos num caminhão. Isto ela disse aos jornalistas Walter Barbosa, presidente da Sociedade de Amparo aos Mendigos (SAM). Dona das Dores é senhora idosa, sexagenária, humilde, católica e de coração generosíssimo. Sendo bastante conhecida e admirada no sertão de Santa Brígida, não teve dificuldades em conseguir junto aos romeiros do “Padim Ciço”, ali residentes toda espécie de mantimentos indispensáveis ao sustento diário daqueles pobres velhos que moram no abrigo de Juazeiro”.



Gilfrancisco em frente ao nicho das imagens da Madrinha Dodô e do Padre Cícero. Abaixo, fotografia de ex-votos.



MEMORIAL

O Centro Cultural Pedro Batista, composto de museu, biblioteca e fototeca, mantido pela Prefeitura de Santa Brígida, cuidam do memorial e zela pela memória de Pedro Batista. Localizado na Principal Praça do município, que leva o mesmo nome do beato. Na Praça há um busto do beato Pedro Batista e uma estátua de Madrinha Dodô. No Memorial estão todos os objetos do beato. O retrato dele em sua própria cama, o quarto intacto, de Madrinha Dodô e peças mais simples, como rosários e roupas. É possível encontrar também no museu alguns documentos como: “Proposta de empréstimo agrícola junto ao Banco do Nordeste do Brasil S/A”, datado de

15 de dezembro de 1955; documentos fiscais da firma de Pedro Batista, autorizados pela Coletoria Estadual de Jeremoabo; documentos fiscais referentes ao pagamento de Imposto Territorial Rural a prepostos da Coletoria Estadual de Jeremoabo; contratos de empréstimos bancários junto ao BNB para financiamento de suas atividades agrícolas; livro com registro de custos das obras coordenadas por Pedro Batista; cartas escritas pelo Coronel João Sá destinadas a Pedro Batista.

Desde 1963 que o beato já sentia sinais da doença e no último ano de sua morte não conseguia ficar de pé, nem correr sozinho. A má aplicação de uma injeção para combater a infecção urinária acabou por prejudicar mais a sua locomoção. O beato faleceu em 11 de novembro de 1967, vítima de uma infecção urinária provavelmente decorrente de problemas na próstata. Seu corpo encontra-se sepultado no cemitério São Paulo, em Santa Brígida.

A PAZ

Foram dias memoráveis, do ano de 1910, na Fazenda Santo Antônio e as gentis companhias do anfitrião, Luiz Eduardo Costa e seus convidados: o escritor Alcino Alves e seu filho, Deputado João Daniel e esposa, Paulinho Costa e esposa, Frei Enoch e outros.

Espero receber em breve, um novo convite para atualizarmos os papos literários e políticos e desfrutar dessa paz que a gente só encontra na morte, no céu, cercado por anjos, bem como revisitar Santa Brígida, para observar melhor alguns aspectos daquela comunidade que ainda me deixa intrigado e quem sabe, reescrever essas observações, obti-

das ligeiramente numa primeira visita. Aliás, uma semana antes da minha ida a Santa Brígida, o vice-governador Jackson Barreto, esteve naquele município levado pelo benfazejo anfitrião Luiz Eduardo, para conhecer a devoção de Pedro Batista, que continua forte em Santa Brígida.

Por tudo isso, eu, Gilberto Francisco dos Santos – jornalista e professor, vivente das terras encantadas de Sergype Del Rey; antigo retirante dos becos e botecos da Cidade do São Salvador da Baía de Todos os Santos, como também de todos os pecados venais que cometi, por pensamentos, palavras e obras –, testemunho e dou fé do que vi, li e anotei sobre os fatos fabulosos acontecidos nos nossos pequenos e grandes sertões nordestinos.

REFERÊNCIAS

- CÉSAR, Elieser. Pedro Batista. Salvador, *Correio da Bahia*, 18 de novembro de 2001, republicado em Memórias da Bahia –II, *Correio da Bahia*, nº6, 2004.
- FACÓ, Ruy. Cangaceiros e Fanáticos. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1960.
- IRDEB; TVE BAHIA. Pedro Batista o Conselheiro que deu certo. Salvador, 1997.
- MUNIZ, Sérgio. *O Povo do Velho Pedro*, filme dirigido por Sérgio Muniz, 1967. Centro de Estudos Rurais e Urbanos; Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

- OLIVEIRA, João de. *A Vida e Morte de meu padrinho Pedro Batista da Silva* – cordel, 1970.
- PRATA, Ranulfo. *Lampião*. Rio de Janeiro, Ariel, 1934.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Sociologia e Folclore: A dança de São Gonçalo num povoado baiano*. Salvador, Livraria, Editora Progresso, 1958.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 2ª edição, 1976
- SILVA, Z. Apóstolo. *A vida de Zezito Apóstolo da Silva – líder dos romeiros do Beato Pedro Batista*. Salvador, EGBA/Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2002.



Convidado pelo Ouvidor Geral do Estado, Luiz Eduardo Costa, para passar a Semana Santa de 2010 em sua Reserva Ecológica, em Canindé do São Francisco, a 213 km de Aracaju, não resisti ao convite por vários motivos: primeiro por ter recusado anteriormente a acolhedora companhia do amigo por motivo de saúde; segundo por querer rever aquela comunidade após seis anos numa rápida estada; terceiro tinha esperança em conhecer o município baiano de Santa Brígida

O BEATO PEDRO BATISTA

Uma Comunidade no Sertão

Uma crônica da viagem empreendida há mais de dez anos pelas veredas dos sertões da Bahia e de Sergipe pelo jornalista e pesquisador Gilfrancisco, serviu de pretexto para que Cid Seixas transformasse o material neste pequeno livro eletrônico.

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

ISBN 978-85-00-22185-5